



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADE OSMAR DE AQUINO
CURSO DE LETRAS**

VANUZA DOS SANTOS PACÍFICO

**A FENOMENOLOGIA DAS IMAGENS POÉTICA EM CORDA BAMBA, DE LYGIA
BOJUNGA**

**GUARABIRA
2017**

VANUZA DOS SANTOS PACÍFICO

**A FENOMENOLOGIA DAS IMAGENS POÉTICA EM CORDA BAMBA, DE LYGIA
BOJUNGA**

Trabalho de Conclusão de Curso da
Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito à obtenção do título de licenciada em
Letras Habilitação em Língua Portuguesa.
Área de concentração: Literatura, psicanálise e
gênero.

Orientador: Prof. Me. Rafael Francisco Braz.

**GUARABIRA
2017**

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE
GUARABIRA/UEPB

P234f Pacífico, Vanuza dos Santos

A fenomenologia das imagens poéticas em Corda Bamba, de
Lygia Bojunga / Vanuza dos Santos. – Guarabira: UEPB, 2017.
19 f.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) –
Universidade Estadual da Paraíba.

“Orientação Prof. Me. Rafael Francisco Braz”.

1. Análise Literária. 2. Imaginário. 3. Lygia Bojunga.
I.Título.

22.ed. CDD B869.3

VANUZA DOS SANTOS PACÍFICO

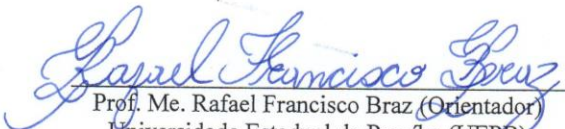
A FENOMENOLOGIA DAS IMAGENS POÉTICA EM CORDA BAMBA, DE LYGIA
BOJUNGA

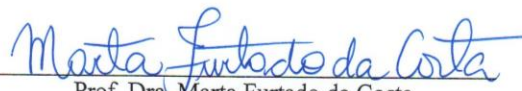
Artigo, apresentada ao curso de Graduação em
Letras da Universidade Estadual da Paraíba,
como requisito à obtenção do título de
licenciada em Letras Habilitação em Língua
Portuguesa..

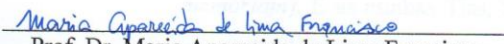
Área de concentração: Literatura, psicanálise e
gênero.

Aprovada em: 31/07/2017.

BANCA EXAMINADORA


Prof. Me. Rafael Francisco Braz (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Dra. Marta Furtado da Costa
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Dr. Maria Aparecida de Lima Francisco
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Dedico este trabalho aos meus pais, Cosma dos Santos Teixeira e Sebastião Waldo Pacífico (*in memoriam*). E as minhas Tias, Socorro e Valdeci (*in memoriam*) que tanto acreditaram na minha força de vontade.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, pois sem ele não seria possível chegar tão longe, sem as bênçãos do Pai maior, está força sublime que nos move e que nos levanta quando o desânimo se faz presente e nos acolhe quando o medo, a solidão nos faz chorar. Fazendo, assim, nos impulsionar quando, erroneamente, deduzimos não poder mais tudo é permissão de Deus.

A minha mãe e ao meu pai, minha sobrinha Marílya minha irmã Joara Pacífico pois se não fossem por eles, eu não estaria aqui e eles são as pessoas que tanto amo e que mim deram carinho, educação e amor. A toda minha família, agradeço, pois sou grata a Deus por eles existirem na minha vida.

Aos meus amigos Dennis Meireles, Jandailson Silva, Camila Gadelha, Joyce Carvalho, Edianny Rodrigues e Ana Acelino que contribuíram de forma direta e, até mesmo, indireta com palavras de conforto e ânimo. Sem esquecer da família Educandário Rosalinda. Mondini, escola em que abriu as portas para mim e, assim, acreditou no meu potencial.

Agradeço pelo carinho das professoras, Marta e Maria Aparecida, em terem aceitado ao convite de examinar meu TCC.

Agradeço, também, ao professor Rafael Francisco Braz que caiu na minha vida como um anjo, pois sem as suas orientações e dedicação não seria possível a realização desde trabalho.

“Às vezes, a gente quer muito uma coisa e então acha que vai querer à vida toda. Mas aí o tempo passa. E o tempo é o tipo de sujeito, que adora mudar tudo.”

Lygia Bojunga Nunes.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	07
2	NO UNIVERSO DE BOJUNGA	09
3.	O UNIVERSO LITERÁRIO INFANTIL	13
4.	O PAPEL DA IMAGEM SIMBÓLICA	14
4.1	O símbolo do universo de Lygia.....	14
5	CONCLUSÃO	17
	REFERÊNCIAS	18

A FENOMENOLOGIA DAS IMAGENS POÉTICA EM CORDA BAMBA, DE LYGIA BOJUNGA

Vanuza dos Santos Pacífico*

RESUMO

A literatura é construída a partir das vozes da Antiguidade Clássica e, assim, os contos tradicionais eram, na maioria dos casos, representados por adultos com função ora moralizante de educar, ora corrigir ou zelar pela formação das crianças e, por isso, os modelos fechados do que poderia ser um heróis, ou mesmo, os vilões. Nesse universo imaginário, mistura-se realidade e fantasia, de modo atender aos interesses de uma sociedade de uma determinada época. Para tanto, o objetivo principal desde artigo de conclusão de curso de Letras- habilitação língua portuguesa é analisar e interpretar as imagens simbólicas presente na obra Corda Bamba, da autora Lygia Bojunga. Para nossa análise, fundamentamos nos conceitos teoria do imaginário de Laplantine e Trindade (2001) e nos conceitos simbólicos de Chevalier e Gheerbrant (2009) e, também, a análise dar-se-á pelo véis da psicologia analítica defendida por Jung (1996). A análise nos mostra que a autora Lygia Bojunga incorpora-se da sua obra com tanta criatividade, que faz com que o leitor seja convidado à caminhar pela própria Corda Bamba despertando, assim, a sensação dos caminhos que a personagem Maria percorreu. A obra, portanto, nos liga a duas extremidades: o imaginário, onde é por meio dele que Maria procura entender o que se passa em sua volta e é pelos elementos simbólicos que a personagem consegue elaborar seus próprios conflitos e vê-se em seu passado, presente e futuro.

Palavras-Chave: Imaginário. Corda Bamba. Lygia Bojunga.

1 INTRODUÇÃO

A literatura infanto-juvenil, surgiu na França em plena segunda metade do século XVII. As fábulas (1668) de *La Fontaine*, os Contos da Mãe Gansa (1696/1697) de Charles Perrault e os Contos de Fadas (1696/1699) de *Mme. D' Aulnoy* e Telêmaco (1699) de Fénelon são os livros pioneiros do universo literário infantil.

Um estudo que fortalece o interesse pelo mundo dos contos de fadas, ou mesmo, da literatura maravilhosa dos mitos, arquétipos e símbolos que surgindo na origem dos tempos transformou em linguagem da aventura humana e a eternizou no tempo.

* Aluno de Graduação em Letras – Habilitação em Língua Portuguesa na Universidade Estadual da Paraíba – Campus III.
Email: vanuza_vz@hotmail.com

No Brasil, a literatura infanto-juvenil era apenas acessível às crianças, de natureza popular e de tradição de via oral chegada ao nosso continente pelos portugueses.

As narrativas mais conhecidas em território brasileiro de início, foram as que de princípio, decorrem do mundo fantasioso dos contos e fabulistas cujos os mais representantes são Irmãos Grimm, Jacob e Wilhelm Grimm, com sua obra mais famosa Contos de Fadas para crianças e adultos (*Kinder- und Hausmärchen*), publicada entre os anos 1823 e 1822. No final do século XX, Monteiro Lobato inicia de fato a literatura infantil no Brasil, na qual ele publica em 1921 “A menina do Narizinho Arrebitado”.

A partir desse processo renovador do imaginário de Monteiro Lobato que a criança e o adolescente criam novas possibilidades de uma criação fantasiosa e maravilhosa transmitindo os conceitos de vida real para o imaginário, assim, tendo o papel de educar e, ao mesmo tempo, aculturá-las, abrindo novos caminhos na área pedagógica e literária, levando em consideração o processo social e, também, o contexto humano.

Para tanto, o objetivo principal desde artigo de conclusão de curso de Letras-habilitação língua portuguesa é analisar e interpretar as imagens simbólicas presente na obra Corda Bamba, da autora Lygia Bojunga.

A escolha deste *corpus* trabalhar - o livro Corda Bamba, da autora Lygia Bojunga - se deu pelo fato de ser uma obra bastante rica em símbolos, imagens e representações metafóricas no universo infantil, pois como leitores, este universo de imagens e símbolos, nos possibilita à levantar questões que passam despercebidas no nosso cotidiano, como por exemplo, as nossas escolhas que representa, metaforicamente, na obra pelas portas que a personagem Maria vai abrindo aos poucos.

A metodologia desta pesquisa é de cunho bibliográfico e analítica, uma vez que interpretamos as imagens e símbolos por um viés fenomenológico partindo da coleta de dados na obra Corda Bamba, objeto desde artigo de conclusão de curso.

Corda Bamba, narra a história da personagem chamada Maria, filha dos equilibristas, Márcia e Marcelo que, morre durante um espetáculo no circo. Desde então, ela tem o apoio e a segurança na Mulher Barbuda e Foguinho (o engolidor de fogo). A avó Maria, Cecília, mulher rica e para quem o dinheiro compra tudo. Resolve cuidar de Maria, mas a menina não é tão feliz na casa da avó. Então, vai para janela do seu quarto e fica encantada com um prédio que parece que ninguém morava lá.

Maria, começa a andar sobre a corda bamba para chegando lá e se depara com um corredor com portas coloridas que em cada porta, ela faz uma descoberta da vida de seus pais, de sua avó e de sua própria vida, mas é, na última porta, que Maria lembra de como

aconteceu o acidente de seus pais e, então, perde seu medo e passa à pensar em seu futuro com suas próprias escolhas buscando, portanto, sua própria identidade.

Para esta análise, fundamentamos nossa teoria com base nos aspectos do imaginário de Laplantine e Trindade (2001) e nos conceitos simbólicos de Chevalier e Gheerbrant (2009) e, também, a análise dar-se-á pelo viés da psicologia analítica defendida por Jung (1996).

Este artigo de conclusão de curso, encontra-se subdividido em 4 partes para melhor compreensão do leitor, assim, na primeira parte intitulada “*No Universo de Bojunga*” que fala sobre vida e obras da autora. No Segundo tópico nomeado “*O Universo Literário Infantil*” dedica-se a fazer um breve panorama sobre a literatura infantil no Brasil. O terceira nomeado “O Papel da Imagem Simbólica” apresenta conceitos e definições sobre o que é a imagem e o símbolo. Dentro deste tópico nossa análise que intitulamos “*O símbolo no Universo de Bojunga*” que mostra nossa análise e o diálogo com a teoria, por fim, nossas considerações finais e referencias usada para esta pesquisa.

2 NO UNIVERSO DE BOJUNGA

Lygia Bojunga Nunes é autora brasileira que nasceu em Pelotas, Rio Grande do Sul, em 26 de Agosto de 1932 e cresceu numa fazenda. Quando tinha oito anos de idade foi morar no Rio de Janeiro, isto a fez ter contado com o mundo artístico. Em 1951, aos dezenove anos, tornou-se atriz e, assim, fazia parte de uma companhia de teatro que viajava pelo interior do Brasil. Trabalhou durante muito tempo para o rádio e televisão, antes de se tornar-se escritora consagrada de livros infanto-juvenis em 1972.

No seu universo poético encontramos, assim, as seguintes obras: *Os colegas* (1972) que narra a história do ursíssimo voz de cristal, o coelho cara-de-pau, e os vira-latas virinha e latinha, seres abandonados vivendo à margem da vida, mas que uma vez reunidos pelo acaso descobrem a amizade a solidariedade e uma intensa alegria de viver.

Logo em seguida, em 1975, *Angélica*, que tem num dos capítulos uma peça completa de teatro chamada Angélica. Quando você não quer mais ser o que você é dá pra mudar de pele? Quando você não se conforma com o jeito que a sua família vive dá pra mudar o jeito? E quando você não arranja emprego, dá pra inventar um? Se você tem que vender um pedaço de você mesmo pra sobreviver dá pra ficar de bom humor? E se você fica, velho sozinho no mundo dá pra dá a volta por cima?

Nos anos 70 - *A casa da Madrinha* (1978), que conta a história de Alexandre um menino pobre que mora na favela e que sai em uma viagem repleta de aventuras para o interior em busca de uma casa mágica que pertence a sua madrinha.

E, por fim, *A Corda Bamba* (1979) nosso objeto de pesquisa para este artigo de conclusão de curso, que reconta a história de coragem que nos leva ao encontro de forças adormecidas e com cuidado bem ao seu estilo, Lygia, escreve a corda bamba e nos faz transpor a ponte que liga duas extremidades e fantasia. Criando um diálogo entre o inconsciente e a realidade, e nos leva à compreensão de que podemos caminhar sozinhos e sermos bem sucedidos, mesmo que andemos sobre a corda bamba.

No início dos anos 80, inaugura a década com *O Sofá Estampado* (1980) que nos conta uma história aparentemente singela da paixão de um tatu por uma gata angorá, abrindo em suas páginas um leque de personagens pitorescos que pincelam com suas ações e diálogos um quadro divertido e emocionante de crítica social.

Com uma temática polêmica, *Tchau* (1984), narra a história de uma menina chamada Rebeca e da sua mãe que conheceu um estrangeiro chamado Nikos e já havia avisado ao seu marido que iria embora com ele e não poderia levar as crianças, porém sua filha, Rebeca e seu irmão Donatelo, haviam prometido ao pai que não deixariam a mãe ir.

Já no final da década de 80, ainda publica, *O meu amigo pintor* (1987) e é a história de um menino que tinha um amigo que era pintor. Ele morreu, mas deixou um presente para seu amigo, um caderno com muitos desenhos e o menino nunca esqueceu desse amigo.

E, ainda, no mesmo ano, *Nos Três* (1987) que narra a história em uma praia deserta do litoral brasileiro onde uma menina em férias, um homem de vida errante e uma mulher que optou pela solidão se veem subitamente envolvidos no redemoinho de uma paixão trágica.

No final dos anos 80, cria o universo do Livro – Um Encontro que é uma criação viva que transmite de um modo altamente inventivo os sentimentos e as emoções íntimas de uma escritora no seu relacionamento com seus livros.

Ao chegar na década de 1990, Lygia publica *Fazendo Ana Paz* (1991) a história surge através de fragmentos dispersos, como fotografias em álbuns antigos. Um autor a procura da personagem ou será a personagem a procura do autor? Bem diferente de outros personagens de Lygia, Ana Paz, tem um endereço certo e um compromisso no passado que ela precisa resgatar.

Paissagem (1992) é uma narrativa que entrelaça os dois momentos do processo de escrever uma história o da criação. Para tecer essa relação, Lygia cria o personagem Lourenço, um jovem que se corresponde com uma escritora que ele admira. A autora

descreve-nos o cenário uma paisagem que faz parte de um conto, personagens casuais, transitórios e anônimos.

Seis Vezes Lucas (1995) dividido em seis momentos marcantes na vida do personagem Lucas. O livro retrata conflitos presentes na maioria das famílias tais como o medo da solidão, a frustração por não ter um cachorrinho, as brigas entre os pais.

Em meadas dos anos (1995) o livro o *Abraço*, aborda as experiências amargas que meninas e jovens tiveram com o sexo. Esse é o fio condutor da narrativa a autora penetra no íntimo de sua personagem dando voz a seu medo e a sua angústia, revelando as contradições que, ela vivência por amor e odiar seu agressor.

No ano seguinte, ou seja, em 1996 *Feito à Mão*, revela ao leitor um processo criativo vários aspectos ligados ao trabalho e a vida dessa escritora singular que mesmo vivendo profissionalmente de seus livros gosta de se autodenominar artesã, mesmo vivendo um perene caso de amor com o Rio prende um pedaço de sua vida a Londres.

Já no final da década de 1990, lança os dois romances *A Cama* que Lygia cria uma extensa galeria de personagens, cujas vidas se entrelaçam na disputa de uma inusitada cama, o único bem material que restou da família outrora abastada e que agora desencadeando conflitos, ora cômicos, ora dramáticos ganha no livro o status de personagem principal.

O Rio e Eu, após ser apresentada ainda criança ao Rio de Janeiro pela pitoresca Maria da Anunciação a autora passa a lidar com a cidade maravilhosa como mais uma de suas personagens e nos relata o caso de amor que até hoje mantém com o Rio.

Na Virada do século, Lygia Bojunga, publica *Retratos de Carolina* (2002) que é um romance com a trajetória bem desenhada e dolorosamente humana da personagem Carolina com suas perdas, seus amores e a força mágica de seus sonhos fluindo em um texto ritmado. Dividido em duas partes, a primeira mostrando o crescimento e a maturidade de Carolina, de menina um tanto insegura da jovem determina a escrever seu destino com as próprias mãos.

A segunda parte é um corte é o encontro de Carolina com Lygia algo que a princípio causa estranhamento e o resultado não poderia ser outro: o duelo entre duas mulheres fortes e determinadas.

No ano de 2005, publica sua obra célebre *A Bolsa Amarela* que narra a história de uma menina que entra em conflitos consigo mesma e com a família ao reprimir três grandes vontades que ela esconde numa bolsa amarela, a vontade de crescer, a de ser garoto e a de se tornar escritora.

Em 2006, *Aula de Inglês*, obra que tem como protagonista o professor de inglês, um homem com cerca de 50 anos vivendo a crise da meia idade e, Teresa Cristina, sua aluna de 19 anos. Eles têm se encontrado duas vezes por semana nos últimos dois anos. Certo dia porém, Teresa chega para se despedir dele e vai trabalhar numa ONG em Moçambique. A partir dos medos e angústias de Teresa, o professor revê suas próprias emoções, seus sonhos e paixões de adolescente.

O Sapato de Salto (2006) é a história que lida com os personagens e seus conflitos sexuais, amores e familiares que dificultam e iluminam a trajetória de adolescentes e adultos

Dos Vinte 1 (2007) este livro oferece uma rara oportunidade para leitores (passados, presentes, e futuros) se aproximarem mais do imaginário fugido desta singular escritora. De cada um dos 20 livros que escreveu Lygia Bojunga escolheu um capítulo ou trecho de sua preferência para formar esta seleção a que deu o nome de *Dos Vinte 1*.

No Livro *Querida* (2009), Lygia Bojunga faz de Pollux – o personagem central do livro – um menino entregue ao ciúme que sente da mãe. Ele busca refúgio dos efeitos devastadores desta emoção na casa de um parente desconhecido: Pacífico. As histórias afetivas de Pollux e Pacífico se entrelaçam, levando os dois a questionamentos e apaziguamentos definitivos.

Sabe-se que suas obras, trazem as caracterizações das problemáticas das crianças, acudadas dentro do núcleo familiar e, assim, a autora consegue com as aventuras e, principalmente, com as desventuras de seus personagens penetrar na alma humana. Questões como medo, a angústia, a rejeição, as perdas da vida, o amor, a amizade e os traumas são temas recorrentes em sua obra. Além de tratar de temas universais, Lygia possui também um jeito de contar suas histórias que arrasta o leitor para dentro de seus livros.

Casou-se duas vezes, seu marido é um inglês e, por isso, Lygia mudou-se para a Inglaterra em 1982. Nesse mesmo ano, ela recebeu o prêmio **Hans Christian Andersen** – O Oscar da Literatura infanto-juvenil, pelo conjunto de sua obra o prêmio da Jabuti (1973), o prêmio da Literatura Ratternfanger (1986).

Em 26 de Maio de 2004, Lygia recebeu da princesa, Victória da Suécia, o prêmio ALMA (*Astrid Lindgren Memorial Award*), o maior prêmio internacional jamais instituído em prol da literatura pra crianças e jovens. No Brasil, todos os seus livros foram premiados, e suas obras foram traduzidas para dezenove idiomas e um de seus livros foi transformado em filme “*Corda Bamba*”, em 1979 na Suécia.

3 O UNIVERSO LITERÁRIO INFANTIL

No Brasil, a Literatura Infantil começou a ser constituída no início do século XX, decorrente da acelerada urbanização ocorrida no final do século XIX, assim, o fascínio pelos contos de fada constituem a matéria-prima do acervo da Literatura moderna,

e "deixaram de ser entretenimento infantil" para serem redescobertos "como autênticas fontes de conhecimento do homem e de seu lugar no mundo". As personagens, as situações ou os conflitos que estruturam as narrativas correspondem ao processo da realização interior das personagens, no plano existencial. (COELHO, 1991, p., 3)

A introdução de temáticas cotidianas e, principalmente, a partir de Monteiro Lobato, foram associadas ao lúdico, aproxima as crianças considerados os limites, de uma reflexão sobre as práticas sociais. Desta forma, as obras literárias no período de ditadura civil-militar brasileira não significaram muito para a democratização ao acesso à leitura.

Vemos que o mercado editorial se voltou mais aos livros didáticos e a leitura encontrou mais uma barreira: a popularização da televisão que pode ter se tornado o grande inimigo externo a ser combatido pela literatura, nesse caso, a infantil, de modo a desvirtuá-la para fins mais individualistas do que realistas, ou seja, as obras produzidas precisavam de atrativos comerciais, a fim de competir com os meios de comunicação de massa.

Apesar disso, a literatura foi compensada pela poesia que se tornou muito presente na música popular brasileira, amplamente difundida por meio dos grandes festivais promovidos pela televisão em São Paulo e Rio de Janeiro.

Mais do que nunca, nesse período a literatura assume um caráter didático-pedagógico, tornando-se inclusive, tecnicista. O ensino, foca em estrutura dos textos literários e não a sua análise.

Como meio de resgatar à literatura nesse período foram criadas várias instituições entre as quais se destacam: A Fundação do Livro Escolar (1966), A Fundação Nacional do Livro Infantil- Juvenil (1968), O Centro de Estudos de Literatura Infantil e Juvenil (1973), além de várias Associações de Professores de Língua e Literatura e, também, a Academia Brasileira de Literatura Infantil e Juvenil e São Paulo (1979).

Algumas obras produzidas e publicadas no Brasil entre 1964 a 1985 apresentaram um teor de contestação da ordem vigente, questionando o autoritarismo e apresentando problemas sociais, assumindo a emancipação, a literatura infantil brasileira passou, também, a formar politicamente inseridos temas da dura realidade nacional nos livros para crianças.

Diante disso, podemos reiterar o caráter emancipatório da literatura, evidenciar aspectos da realidade que são ocultadas pelos recursos ideológicos de dominação. Atréadas a uma linguagem mágica que relata a história que apesar de fictícia, mas a ação dos personagens convida o leitor a fazer parte dela.

4. O PAPEL DA IMAGEM SIMBÓLICA

O imaginário trata-se de algo que transpassa o real, ou seja, é algo que só usa pela imaginação, pois conforme Laplantine e Trindade, (2001, p., 20), argumentam que “*o imaginário se dá a partir dos significados contidos na história individual ou coletiva. Os indivíduos Produzem seus sonhos transfigurados e sublimados de suas experiências*”.

A imagem está relacionada a representação e pelo qual, um ser ou um objeto, é percebido de forma concreta. Imagens são construções baseadas nas informações obtidas pelas experiências visuais anteriores, que contêm sentidos afetivos e, ao mesmo tempo, universais.

Nessa linha de pensamento, os autores, definem o símbolo como um elemento representativo e que está em um lugar que tanto pode ser um objeto como um conceito ou ideia de determinada quantidade e qualidade. O símbolo é um sistema que não substitui qualquer sentido, mas pode efetivamente conter uma pluralidade de interpretações. (LAPLANTINE e TRINDADE, 2001, p., 14).

Vemos que o símbolo é um elemento essencial no processo de comunicação e que se encontrando difundido pelo cotidiano e pelas mais variadas vertentes do saber humano, assim os autores Laplantine e Trindade (2001, p.,19) afirmam que “*os símbolos são esquemas de ações intencionais produzidas nas interações e entre os homens em dada situação, social ou no interior do texto de um discurso, ao mesmo tempo irredutível aos significados históricos e culturais que os homens atribuem a esses símbolos*”.

4.1 O Símbolo No Universo De Lygia

Para o pensamento Junguiano (1996, p., 74), a palavra símbolo (*Symbolon*) é formada a partir do verbo grego *symbollo* e, sempre, teve que admitir as mais variadas definições e interpretação e, no entanto, todas elas concordavam no ponto em que dessa forma se queria designar algo que por trás do sentido objetivo e visível oculta sentido invisível e mais profundo.

Desta forma, o símbolo possui um grande sentido, mas tudo acontece no momento em que observamos e passamos a compreender. Na obra *Corda Bamba*, de Lygia Bojunga *corpus* desde artigo de conclusão de curso, possui diversos símbolos tais como: a-) A Corda; b-) a Janela e c-) A Porta que daremos ênfase, apenas, nos três que auxilia a personagem Maria a buscar sua própria identidade.

A Corda é o símbolo que faz a ponte entre o real e o imaginário, pois é através dela que a personagem, Maria, faz uma viagem para dentro de si mesma. Além da corda se tratar de um objeto circense, no qual se faz presente na sua vida e de seus pais, quando eram equilibristas. A Corda, como imagem simbólica, representa para personagem, Maria,

subiu numa cadeira e pulou para cima da corda. Um pulo tão Rápido, que todo mundo fez hnm! Achando que ela ia cair. Que cair que nada! Levantou o arco, num instantinho endireitou o corpo andou até a varanda, voltou ligeiro até a porta se virou num pulo que fez o pessoal engolir de novo um grito. Mas quando ia passando outra vez em cima da mesa parou, de repente, o corpo entortou para um lado, para outro; Parecia que ela estava perdendo o equilíbrio que ia se estatelar justo em cima do bolo. Rodou o arco para se firmar melhor, o corpo entortou ainda mais. Quis dar um passo não deu quando viu todo mundo com cara de susto riu com o olho endireitou o corpo e saiu se equilibrando mais difícil ainda andando de marcha à ré[...] Mas era também a primeira vez, naquele mês, que Maria andava na corda. (BOJUNGA, 2009, p., 18)

Pode-se dizer que a corda é vista como um elemento de realização, pelo qual ela ajuda a personagem, Maria, a superar seus medos e traumas e buscar seus ideais, pois para o psicólogo Jung (1996, p., 90) O símbolo é então, “*Uma espécie de instância mediadora entre A incompatibilidade do consciente e do inconsciente, Um autêntico mediador entre o oculto e o revelado*”.

A corda, passa a ter um elo que conduz a personagem a se equilibrar e, ao mesmo tempo, enfrentar os riscos, no qual ela procura construir sua própria identidade. Na ótica dos semiologistas Chevalier e Gheerbrant (2009), vemos que,

A Corda do arco simboliza, na tradição védica, a força que confere ao arco sua eficácia. Mas essa força é invisível e de natureza quase, imaterial. “Ela não provém nem do peso, nem da duração, nem de uma ponta acerada. Ela é como que feminina, ela vem de uma tensão pois está ligada de maneira geral ao simbolismo da ascensão, como árvore a escada de mão, o fio de teia de aranha, a corda representa o meio, bem como o desejo de subir atada em nós, simboliza qualquer espécie de vínculo e possui virtudes secretas ou mágicas. (CHEVALIER E GHEERBRANT, 2009, p., 285)

A janela está associada a realidade, pois é nela que Maria demonstra sua consciência e seus pensamentos que vem em sua mente por passar muito tempo olhando pela janela faz com que ela desperte o silêncio e os pensamentos de solidão que refletem em suas dores. Podemos observar como demonstra a personagem “*Maria ficava olhando examinando, olhando-Tinha*

Uma janela que ficava dia e noite aberta, uma janela Arredondada em cima que nem um arco". (BOJUNGA, 2009, p., 29)

Desta maneira, a janela é um símbolo que possibilita começar a traçar o seu caminho para descobrir a verdade de sua vida.

Enquanto abertura para o ar e para a luz, a janela simboliza receptividade. Se a janela é redonda a receptividade é da mesma natureza que a do olho e da consciência (claraboia). Se é quebrada a receptividade é terrestre, relativamente ao que é terrestre, relativamente ao que é enviado ao céu. (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2009, p., 512)

As portas coloridas elas vêm representar as diferentes fases da vida de Maria, a qual cada cor tem um fato que aconteceu em sua vida, pois *"Lembrando a cor de cada porta, pensando. No que ela já tinha visto, que mais que ela ia ver?"* (BOJUNGA 2009. P 94)

A porta na obra, corpus desta análise, está associada a abertura para o inconsciente, pois é através dela que Maria irá organizar suas lembranças, pois de acordo com o Jung (1996, p., 96) *"quando, da escuridão da alma surge um símbolo ele tem sempre um caráter iluminador."* E para Chevalier e Gheerbrant (2009)

A porta simboliza o local de passagem entre dois estados, entre dois mundos, entre o conhecido e o desconhecido, a luz e as trevas, o tesouro e a pobreza extrema. Pois não somente indica uma passagem, mas convida a atravessá-la é o convite à viagem ao rumo a um além . (CHEVALIER E GHEERBRANT, 2009, p., 6:20)

Ao abrir a última porta, a de cor vermelha, na qual ela vê seus pais caindo da corda bamba durante o espetáculo. Tudo que Maria viu nas outras portas foi para prepará-las para abrir a porta vermelha pois era nesta porta que estava o bloqueio para conseguir superar o passado e se preparar para o futuro.

De repente, Maria começou a lembrar do resto todo. Correu para o corredor, jurava era capaz de jurar que a Porta vermelha não estava mais trancada. A afobação foi tão grande, que foi até maior que o medo e Maria nem parou para escutar: meteu a mão na maçaneta: dito e feito, a porta vermelha abriu e Maria deu cara com Márcia, Marcelo, Barbuda e Foguinho. (BOJUNGA. 2009, p., 128)

Maria, aprende a lidar com seus próprios medos e se sente pronta para ir em busca de novas portas em sua vida, pois *"[...] que portas novas era aquela? Era uma porta diferente de tamanho e de feitio diferente de pintura também parecia que estavam experimentando cor: tinha uma porção de pinceladas cada uma de uma tinta"*. (BOJUNGA, 2009, p: 140)

As diversas variedades de cores que Maria encontrava nas portas novas lhe possibilita uma nova visão para que ela venha organizar o seu interior e despertar sentimentos positivos e novas experiências.

5 CONCLUSÃO

Ao decorrer deste trabalho de conclusão de curso, concluímos que ao analisar a obra *Corda Bamba*, da autora Lygia Bojunga é uma literatura que é bastante inovadora e que possibilita a realização do ser humano de sua própria vida e de suas vivências.

Desta forma, a autora Lygia Bojunga, incorpora-se da sua obra com tanta criatividade, que faz com que o leitor seja convidado a caminhar pela própria *Corda Bamba*, despertando a sensação dos caminhos que a personagem, Maria, percorreu. A obra, assim, nos liga a duas extremidades: o imaginário, onde é por meio dele que Maria procura entender o que se passa em sua volta e é pelos elementos simbólicos que a personagem consegue elaborar seus próprios conflitos e vê-se em seu passado, presente e futuro.

Sendo assim, finalizamos está pesquisa que é uma história do despertar da alma humana, no qual os elementos são trabalhados na obra de forma altamente dinâmica que ajuda a personagem Maria a suprir seus próprios medos, anseios e dores, e nos faz refletir sobre certos conceitos de valorização do papel de ser ético, altérico e, acima de tudo, humano.

Resumén

La literatura se construye a partir de las voces de la antigüedad clásica y por lo tanto los cuentos tradicionales fueron en la mayoría de los casos representados por adultos función Non moralizante para educar, a veces correcta y asegurar la educación de los niños y, por lo tanto, los modelos cerrados de lo que podría ser un héroe, o incluso los villanos. En este universo imaginario, se mezcla realidad y fantasía, de modo que los intereses de una sociedad de un momento determinado. Por lo tanto, el objetivo principal, ya que por supuesto Letras- artículo finalización de calificación portuguesa es analizar e interpretar estas imágenes simbólicas en el trabajo de la *Corda Bamba*, Lygia Bojunga. Para nuestro análisis, hemos basado nuestros conceptos imaginarios teoría Laplantine y Trinity (2001) y simbólicos conceptos de Chevalier y Gheerbrant (2009) y también da un análisis de la psicología analítica propuesto por Jung (1996). Se invita al análisis en el que Lygia Bojunga autor incorporado en su trabajo con tanta creatividad que hace que el lector a caminar por la cuerda tirante de despertar el sentimiento de las formas en que el personaje Maria venir. El trabajo lo que nos une a los dos extremos: el imaginario, que es por lo que María trata de comprender lo que está sucediendo a su alrededor y los elementos simbólicos es que el personaje puede desarrollar sus propios conflictos y ver en su pasado, presente y futuro.

Palabras clave: Imaginario. *Corda Bamba*. Lygia Bojunga.

REFERÊNCIAS

- BOJUNGA, Lygia. **Corda Bamba**. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2009.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRNNT, Alain. **Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.
- COELHO, Nelly Novaes. **Panorama Histórico da Literatura Infantil/ Juvenil**. São Paulo. Ática 1991.
- JUNG, Carl Gustav. **O Homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.
- KHÉDE, Sonia Salomão. *Introdução* in.: **Personagens da literatura infanto juvenil**. São Paulo: Ática: 1986, p.,16-57.